

As transformações da expertise sobre saúde na cultura contemporânea: uma análise do Instagram da Bela Gil

Transformations in health expertise on the contemporary culture: analyzing Bela Gil 's Instagram account

Igor Sacramento

Fiocruz/UFRJ

Doutor em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ), pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde (Laces/Icict/Fiocruz) e professor dos programas de pós-graduação em Comunicação e Cultura (UFRJ) e Informação e Comunicação em Saúde (Fiocruz).

Contato principal para correspondência.

Maria Eduarda Ledo Martins de Abreu

ECO/UFRJ

É graduada em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da mesma instituição e foi bolsista de iniciação científica no projeto “As celebridades e a espetacularização do estilo de vida saudável: experiência, biografia e aconselhamento na mídia contemporânea”.

Guadio Uchôa Ney

Fiocruz/UFRJ

É graduando em Comunicação Social pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e bolsista de iniciação científica no projeto «As celebridades e a espetacularização do estilo de vida saudável: experiência, biografia e aconselhamento na mídia contemporânea».

Luisa Lopes

Fiocruz/UFRJ

É graduanda em Comunicação Social pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e bolsista de iniciação científica no projeto «As celebridades e a espetacularização do estilo de vida saudável: experiência, biografia e aconselhamento na mídia contemporânea».

RESUMO

Neste artigo, analisamos o discurso sobre alimentação saudável e estilo de vida saudável em postagens do Instagram da chef e celebridade Bela Gil. Também estudamos a reação e engajamento do público através dos comentários publicados pelos usuários. A coleta de dados parte de uma observação sistemática do perfil da chef entre janeiro de 2015 e julho de 2016, que nos permitiu identificar posições de sujeito da alimentação saudável presentes no processo de aconselhamento ali existente e nas formas de reconhecimento engendradas. Concluimos que as declarações produzidas por Bela Gil concebem a saúde, sobretudo, como responsabilidade individual e que sua autoridade é reconhecida mais pela identificação com sua experiência e convicção pessoal do que com os conhecimentos científicos eventualmente mobilizados.

Palavras-chave: expertise; saúde; alimentação; Instagram; Bela Gil.

ABSTRACT

This article analyses chef celebrity Bela Gil's Instagram account on her posts related to healthy eating and healthy lifestyle, as well as the public opinion on the comment section. We made a systematic observation of the account between January of 2015 and July of 2016 that led us to identify the subject's positions related to healthy eating within the process of lifestyle coaching and the means of legitimacy of this counseling. We've concluded that Bela Gil's speech advocates health as an individual liability, and that the celebrity's authority is recognized through public identification on her personal experience and convictions rather than the evidence of scientific knowledge in the field.

Keywords: expertise; health; alimentation; Instagram; Bela Gil.

Introdução

Na cultura contemporânea, espalham-se aconselhamentos sobre hábitos saudáveis especialmente associados a processos de celebração de indivíduos através do que chamaremos de perícia no estilo de vida saudável. Essa nova categoria não teria atingido a enorme proporção atual se não tivesse contado com as redes sociais online como poderosos veículos de comunicação. Essa nova configuração da comunicação em rede na vida cotidiana contemporânea, que aparenta conferir maior proximidade entre as celebridades e seus seguidores (cf., por exemplo, BRAGA, 2010; CAMPANELLA, 2014; PRIMO, 2009, 2010 e 2013), também modifica a relação entre o público e os peritos em estilo de vida, que, apesar de terem reconhecimento e respeito pela sua expertise diante do público, não se utilizam de um discurso hierárquico para passar seus conhecimentos; ao contrário, optam por uma aproximação familiar e passam um ar de intimidade através das telas pelas quais se comunicam. Podemos afirmar que, neste panorama de relações entre celebridades e seus seguidores nas redes sociais online, o campo da saúde ocupa uma das parcelas mais evidentes e relevantes, sendo responsável por inúmeras celebridades serem reconhecidas pela sua expertise em saber como manter seus próprios corpos potencializados e saudáveis. Mas, assim como o processo de reconhecimento de determinadas celebridades como peritas no estilo de vida saudável é legitimado por um grupo de seguidores, os saberes e autoridades dessa perícia de base empírica também são questionados por outros usuários e profissionais acadêmicos.

Para melhor aprofundar a abrangência dos sentidos de saúde nesse contexto, este artigo delimitou seu foco na expertise sobre alimentação saudável na mídia contemporânea, tendo tomado como objeto de estudo a atuação no Instagram da chef e apresentadora Bela Gil, muito conhecida por seu discurso de estilo de vida e por polêmicas em relação à sua autoridade como profissional do campo da nutrição e da saúde.

Bela Gil, é filha do cantor Gilberto Gil, e apresentadora do programa Bela Cozinha no canal GNT. Apesar de ter estudos internacionais na área culinária, o Conselho Regional de Nutricionistas da 2ª Região (CRN-2) não a reconhece como profissional de nutrição, não estando apta para aconselhamentos alimentares pautados na saúde. Ainda assim, seu perfil no Instagram (belagil), até 16 de abril de 2018, contava com 1 milhão e 200 mil seguidores e teve a sua primeira postagem em 13 de junho de 2012. Em 22 de fevereiro de 2016, ela ampliou o acesso e conteúdo de seu aconselhamento através de

vídeos em seu canal do YouTube, o “Canal da Bela”. Bela Gil, tanto em seu Instagram, como em seu programa de televisão e canal no YouTube, procura demonstrar a sua rotina de vida saudável, destacando especialmente a alimentação saudável.

Nossa análise, neste artigo, se concentra principalmente em postagens de Bela Gil no Instagram e teve como base a observação de um ano e meio de seu perfil nessa rede social online, de janeiro de 2015 a julho de 2016. A análise dos enunciados consiste numa observação continuada das formas de exercício da autoridade por Bela Gil como expert em alimentação saudável e de reconhecimento dessa expertise por parte dos seguidores dela no Instagram (belagil). A expressão observação continuada é uma opção metodológica diante das transformações dos processos de pesquisa em ciências sociais e humanas no contexto atual de digitalização. Conforme Jair Ramos (2016), tal procedimento diz respeito à identificação de espaços de interação online onde se dão debates, conflitos e a produção de identidades e identificações que são construídas e que constroem uma determinada situação comunicativa. Segundo o autor, a observação continuada busca analisar os processos comunicacionais em espaços online que singularizam determinadas estruturas, práticas e valores sociais. A identificação e a análise dessas dinâmicas e dos sistemas de significação nela inscritos é a principal tarefa do etnógrafo digital, que tomamos como a nossa neste artigo.

Para coletar os dados que servem de base para a análise, foi realizada uma observação da conta oficial no Instagram de Bela Gil durante o período de janeiro de 2015 a julho de 2016, quando foram colhidas 114 postagens (com os comentários) por meio de print screen, sistematizadas nos seguintes eixos temáticos: 1) enunciados que associam a alimentação saudável a aspectos qualificativos do indivíduo em relação a si mesmo (25 postagens); 2) enunciados que associam a alimentação saudável à responsabilidade do indivíduo para com sua família, focando na relação de cuidado entre pais e filhos (29 postagens); 3) enunciados sobre assuntos de cunho político-social (49 postagens); e 4) discussões acerca da autoridade profissional da celebridade para com questões de saúde (11 postagens). Para os comentários, consideramos o dia da postagem como o tempo de observação e coleta. Em geral, a apresentadora publica uma vez por dia em seu perfil. Optamos ainda por realizar a observação e coleta dos dados pelo computador para facilitar a extração.

Para este artigo, por conta das limitações de espaço e do estágio da pesquisa, analisamos, para os dois primeiros eixos temáticos identificados, somente a postagem de maior visibilidade e repercussão midiática, possuindo maior número de curtidas e comentários. Privilegiamos, aqui, os comentários às

postagens como formas de legitimação ou de deslegitimação da autoridade buscada por Bela Gil junto ao seu público e no campo da nutrição e da saúde. Procuraremos demonstrar como indivíduos envolvidos nos processos de comunicação no perfil de Bela Gil do Instagram se posicionam como sujeito da alimentação saudável.

Para tanto, além desta introdução e das considerações finais, o texto conta com mais três seções: a primeira aborda a discussão das relações entre medicalização, expertise e celebração e as duas últimas recorrem à análise de postagens selecionadas para ilustrar padrões presentes no discurso da culinária, assim como as consequentes reações do público acerca de seus aconselhamentos.

Medicalização, expertise e celebração

O exercício moderno do poder, segundo Foucault (1979), se dá pela normalização dos indivíduos e das populações, processo no qual a medicina desempenha um papel fundamental. A partir do século XVIII, as condutas, os comportamentos e o corpo humano estão integrados em um sistema de funcionamento da medicina que é muito maior que o delimitado cerco das doenças. O termo medicalização, nesse contexto, faz referência à função política da medicina na extensão indefinida e sem limites da intervenção do saber médico na vida social. Há a formação de uma “nosopolítica”, termo que o autor utiliza para definir a nova proposta da saúde como ciência da polícia ou ciência social. O termo nosopolítica expressa a passagem da saúde do plano de obrigação estatal para uma responsabilidade individual. Como esclarece Foucault (1979, p.145), “a nosopolítica, mais do que o resultado de uma iniciativa vertical, aparece, no século XVIII, como um problema de origens e direções múltiplas: a saúde de todos como urgência para todos; o estado de saúde de uma população como objetivo geral”. O discurso da saúde, então, passa a servir como ferramenta de controle social, penetrando não apenas na higiene pessoal, —afetando a relação da população com alimentos, hábitos e sexualidade — mas também no que Turner (1991) intitulou de “sanitarismo moral”, que associa métodos de controle do corpo como sinônimos de responsabilidade e autocontrole. A nosopolítica também se caracteriza pela medicalização privilegiada das crianças e das famílias e pela preeminência da higiene e do funcionamento da medicina como instância de controle social. Esse novo panorama contribui para que a medicina

como técnica geral da saúde ocupe um lugar cada vez mais importante nos mecanismos administrativos e de governo do Estado.

A partir do século XX, Foucault (1996) defende que a medicalização já conformava uma sociedade de normas e de leis. Não são os códigos legais que regem a sociedade, mas a distinção entre o normal e o patológico, numa prática perpétua de se restituir o sistema de normalidade. Nesse século, se intensificou a expansão de distintas estratégias para gerir a vida. O Estado governa através de uma multiplicidade de práticas e com pequenos governantes do conhecimento, os experts. Eles exercem o poder sobre os indivíduos através de uma gama ampla de ações e têm sua autoridade reconhecida pelo conhecimento que possuem e representam. Além disso, aqueles que abrangem o campo da saúde, passam também a oferecer prescrições sobre como gerir a vida baseando-se no objetivo de minimizar a doença e promover a saúde individual e coletiva (ROSE, 2013). Nesse ponto, há uma forte dimensão moral – uma moralização na definição das fronteiras entre normal e patológico, porém, a assimetria entre o poder médico e a dos pacientes já não é suficiente para entender os problemas que envolvem os processos de medicalização contemporânea. Contemporaneamente, a noção de “paciente envolvido digitalmente” traz as tecnologias digitais para esses discursos de engajamento e participação ativa por parte dos leigos, apregoando a defesa do uso dessas tecnologias como parte da aprendizagem de sobre como obter mais saúde (LUPTON, 2014).

Se, por um lado, a medicalização contemporânea configura a produção de indivíduos empoderados e envolvidos no processo de promoção da própria saúde, por outro, há um processo de “expansionismo sanitário” crescente: uma expansão da esfera de atuação do “setor saúde” à totalidade da vida, da experiência humana, num processo de medicalização radical que parece incluir tudo à ideia de saúde e produz uma busca obsessiva por um viver saudável em vários âmbitos e níveis sociais (CAMARGO JÚNIOR, 2007). As atividades físicas que se escolhe praticar e os alimentos que se escolhe consumir, de acordo com o discurso moralizante do estilo de vida saudável, definem os indivíduos como sujeitos responsáveis e capazes de autogerenciamento, aqueles que conseguem seguir as prescrições e injunções vigentes e circulantes sobre saúde, alimentação e corpo na cultura contemporânea.

É importante observar que, nesse contexto, mudanças importantes estão ocorrendo na natureza da expertise. A atuação de profissionais especializados em determinadas áreas do saber tecnocientífico como parte de sistemas peritos, no contexto contemporâneo, é tensionada pela ascensão de formas de especialização enraizadas na experiência. São cada vez mais reconhecidas

formas de avaliação baseadas em experiências, sentimentos e inclinações do que aquelas configuradas por meio de uma série de pareceres. Para Anthony Giddens (1991), as reivindicações de perícia são dependentes de credenciais. Embora as credenciais ainda sejam importantes formas de construção de legitimidade, ao igualar perícia à posse de credenciais, a experiência ganha autoridade e legitimidade. Desse modo, as celebridades, juntamente com profissionais da saúde, se tornam “gurus do estilo de vida saudável” (LEWIS, 2008, p.56), aconselhando ao público o que devem consumir e deixar de consumir, fazer e deixar de fazer, para se tornarem saudáveis, felizes e realizados.

Rose e Miller (1992) argumentam que a expertise é central para o exercício do poder nas sociedades ocidentais modernas, uma vez que governar significa também o domínio da cognição, de cálculos, de experimentações e de avaliações (sociais e individuais). Rose (2013) expõe que há uma nova configuração da expertise na contemporaneidade: uma expertise somática, que tem como referência a emergência de indivíduos somáticos, isto é, indivíduos cuja individualidade está drasticamente marcada pela existência corporal, pela sensação de expressão do que consideram realmente ser sobre si mesmos, em seus próprios corpos a partir de conhecimentos da biomedicina e de biotecnologias. Os peritos somáticos, nesse sentido, não são apenas profissionais de saúde, mas todos aqueles que se preocupam em promover “artes de governar a si mesmos” (ROSE, 2013, p.47). Assim, além dos médicos, muitos profissionais e não profissionais de saúde (mas atuantes em áreas que implicam a saúde e o cuidado de si) assumem a função de “peritos de estilo de vida” (ROSE, 2013, p.44).

Essa perícia em estilo de vida se estabelece dentro daquilo que Zygmunt Bauman definiu como “surto de aconselhamento” na cultura contemporânea: “a incerteza de estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso a procura sempre crescente em especialistas na identidade” (BAUMAN, 1998, p.222). Desse modo, é possível identificar um conjunto cada vez maior e variado de publicações com conselhos, guias e métodos para a conquista da saúde, como sendo associada à qualidade de vida e à boa forma. Nessa configuração do aconselhamento midiático, “passamos do mundo fechado ao universo infinito das chaves da felicidade: eis o tempo do treinamento generalizado e da felicidade modo de usar para todos” (LIPOVETSKY, 2007, p.336-337). Afinal, homens e mulheres estão confiando tanto em especialistas na identidade (BAUMAN, 1998) – ou mesmo nos peritos de estilo de vida (ROSE, 2013) – quanto em produtos da cultura mídia (revistas, jornais, livros, programas de TV, sites) que prescrevem as escolhas e condutas necessárias para obter um estilo de vida saudável.

O conteúdo de aconselhamento cotidiano já existia de forma solidificada antes dos meios digitais, que eram artigos de revistas, programas de rádio e, especialmente, de televisão direcionados ao público feminino e que davam dicas de beleza e receitas para o lar. A atual expertise do estilo de vida, por sua vez, alcança uma audiência muito mais ampla que também engloba os públicos jovem e masculino, adicionando em seu discurso a coloquialidade e otimização de atividades cotidianas (LEWIS, 2008). Consideramos que a expansão desse aconselhamento sobre a vida cotidiana se dá intensamente para a área da saúde, como pode-se observar em diferentes produtos e práticas culturais constituintes do processo de medicalização da sociedade contemporânea. Dicas sobre bem-estar, alimentação, exercícios, dietas são frequentes na cultura da mídia. Dentre essas transformações, destacamos particularmente a celebração da perícia em estilo de vida saudável e, por consequência associativa, a emergência da expertise experiencial em saúde.

O fenômeno das celebridades como peritas no estilo de vida é cada vez mais intenso. Há tanto as celebridades como peritas quanto a celebração de especialistas. Segundo Lewis (2010), o anfitrião bem-sucedido se torna uma marca viva do estilo de vida que vive e recomenda. Acreditamos que essa característica é comum aos processos de celebração de determinados indivíduos como especialistas na internet. Nesses casos, tais indivíduos – quando assumem o status de celebridades – já são algo como marcas vivas de um estilo de vida que muitos não podem ter, mas que são estimulados a ambicionar numa cultura marcada pelo espetáculo: pela aparência e pela necessidade de cuidado com a saúde como imagem pública de si. Os peritos em estilos de vida, como as musas fitness, por um lado, e as chefs como Bela Gil, por outro, surgem como uma importante autoridade cultural na contemporaneidade, em que há um processo de celebração da expertise.

No caso do aconselhamento em Bela Gil, o grau de celebração envolve a articulação de receitas culinárias, recomendação de estilo de vida saudável e biografia pessoal. Figuras como a de Bela Gil são carismáticas e marcadas por um elemento aspiracional de um padrão de vida e de consumo particularmente inviável para muitos. Porém, sua marca de celebridade e de perícia é, antes de tudo, ligada ao comum, ao cotidiano e ao pessoal.

A alimentação saudável como responsabilidade individual

Em nossa coleta de dados baseada na conta do Instagram da chef Bela Gil, pudemos ilustrar muito bem o protagonismo desse poder individual como instrumento base de modificação tanto política quanto social. Em várias outras postagens selecionadas, observa-se o uso recorrente de termos como “autoconhecimento” e “bem-estar”, sempre correlacionados respectivamente sob a relação de causa e consequência. Isto mostra que ao indivíduo confere não apenas uma responsabilidade prática acerca de sua própria saúde (e consequente felicidade), como também uma responsabilidade moral, já que todas suas ações não são apenas atos e sim provas qualificativas de seu próprio caráter. Em personalidades midiáticas, essas atitudes edificam a imagem da celebridade para seu público e, graças à exposição de sua função, a esses indivíduos (ou à persona midiática desses indivíduos) serão sempre destinados maior número tanto de louvores, quanto de críticas.

A postagem de 20 de outubro de 2015 exemplifica uma prática comum da perícia em estilo de vida: o aconselhamento (IMAGEM 1). Como a contemporaneidade está situada em meio a um “surto de aconselhamento” (BAUMAN, 1998) dos múltiplos circuitos de saber contemporâneos, é preciso, por um lado, estabelecer laços de confiança com os sistemas abstratos de conhecimento em que se é leigo (GIDDENS, 1991) e, por outro, perceber como legítimo aquilo que os peritos de cada campo identificam como tal. Já faz parte da rotina cotidiana de diversas pessoas o consumo de especialistas em competência emocional e oradores motivacionais, mas também de peritos em fitness, alimentação saudável, vestuário e assim por diante. Esses peritos se incubem em projetar, pelo efeito de composição de seus aconselhamentos, aquilo que devemos ser, ter e saber para podermos conquistar a felicidade e o bem-estar. Estamos falando de um campo bem vasto de profissionais cuja legitimidade passa menos pelo reconhecimento de seus pares no campo científico do que pela exposição midiática. Sem dúvidas, a mídia, no mundo atual, é um dos sistemas culturais que goza de maior relevância no processo de construção de identidades e sociabilidades, bem como na legitimação do saber de novos peritos. Bela Gil, por exemplo, se legitima de várias formas: além do perfil no Instagram, pelo programa de televisão, pela publicação de livros, pela participação em programas de televisão, por estrelar campanhas publicitárias e por outras práticas de consagração e reconhecimento.

Na Imagem 1, as ideias de controle e responsabilidade se encaixam no discurso neoliberal contemporâneo de forma a realçar uma pretensa onipotência do

poder individual, defendendo que é culpa de cada indivíduo o que ocorre em seu contexto social, mas que também está com ele o poder de mudança somente pelas escolhas individuais tomadas. Primeiramente, é interessante salientar que Bauman (1998) já criticava essa crença na onipotência individual e na justificativa de falta de moral nos indivíduos contemporâneos, já que a responsabilização moral do indivíduo por si mesmo e pela sociedade em relação a alimentação e saúde é um segmento muito pouco inclusivo quando se trata de populações mais pobres, pois argumenta que são consumidoras ingênuas e irresponsáveis, sem levar em pauta as inúmeras desigualdades sociais (econômicas, infraestruturais, educacionais, informacionais) que criam barreiras no alcance do tão apreciado estilo de vida saudável.



IMAGEM 1

O sedentarismo, também referido na Imagem 1, é associado principalmente à preguiça, em uma espécie de reconfiguração do pecado capital cristão, uma qualidade repudiada não apenas pela religiosidade, mas principalmente pelo capitalismo ascendente, pois se traduzia em lentidão ou ineficiência no trabalho e na saúde (BAGRICHEVSKY et al., 2007). A preguiça no campo da saúde é majoritariamente representada pelo sedentarismo, quadro que aumentou seu demérito na cultura contemporânea, adquirindo também o rótulo de incapacidade de autocontrole e autoaprimoramento. Pode-se observar isso com frequência não apenas no discurso dos peritos em estilo de vida como o de Bela Gil, mas no senso comum das conversas cotidianas, nos livros de autoajuda e programas televisivos: a ideia que persiste é que o indivíduo tem o poder de mudar aquela realidade sozinho, porque, afinal, ele se encontra ali por responsabilidade própria e, portanto, não conseguir se adequar ao padrão atual de saúde significa um fracasso puramente individual. Esse tipo de ideia ignora completamente fatores externos como tempo disponível, segmento

cultural, classe social, acessibilidade a atividades e alimentos considerados saudáveis. Os sedentários, especialmente os obesos, tanto ricos como pobres, são marginalizados em sua negatividade existencial em um regime ditatorial e culpabilizante que também não perde a oportunidade de lucrar em cima desse grupo sob pretexto de normalizá-los (BAGRICHEVSKY et al., 2007).

No texto da postagem (IMAGEM 1), a chef defende o discurso da autorresponsabilidade quando utiliza a expressão “repensar seus hábitos para manter a saúde”, ilustrando a atitude não apenas como qualidade moral individual, mas também como recurso antecipatório na prevenção de riscos de adoecer e sofrer. É uma declaração que identifica o sedentarismo como fator de risco para doenças crônicas (como hipertensão e diabetes), pensamento compartilhado como enfoque estratégico nas recomendações de saúde pública em defesa de estilos de vida fisicamente ativos e de alimentação saudável como principal fator de promoção da saúde (FERREIRA, CASTIEL e CARDOSO, 2012). Essas recomendações, porém, tendem a exacerbar o papel da atividade física e da alimentação saudável, apresentando-as como solução para muitos problemas de saúde. Sob essa ótica, a atividade física e a alimentação considerada saudável costumam ser tomadas como remédio, e o sedentarismo como doença, num evidente processo de medicalização.

Conrad (2007, p.209) descreve a medicalização como “o processo pelo qual problemas não médicos se tornam definidos e tratados como problemas médicos, geralmente em termos de doenças ou desordens”. Sendo assim, pode-se dizer que o processo de medicalização se centra na biologização do social. A medicalização, desse modo, expressa a intenção, consciente ou não, de oferecer explicações fundadas na biologia para responder inequivocamente a questões eminentemente sociais. No caso do sedentarismo, ele próprio se torna uma doença, mais do que um fator de risco e é ele mesmo uma patologia que impede o indivíduo a ser saudável, estando na escolha correta do indivíduo – uma decisão pela saúde – a única cura possível.

Esse discurso de autorresponsabilização criou um tipo particular de subjetividade que é denominado de salutarismo (healthism, em inglês), exigindo a adoção de atividades de promoção da saúde como uma obrigação moral para os indivíduos (CRAWFORD, 1980; ROY, 2007). Essa prática de saúde enfatiza um self empreendedorismo que assume a responsabilidade individual pela manutenção e aprimoramento da saúde, envolvendo-se na autodisciplina e na autovigilância. Essa ideologia da responsabilidade do indivíduo de se manter saudável é dominante nos meios de comunicação, bem como nos discursos profissionais de saúde: esses discursos participam dos valores ocidentais dominantes do individualismo, que, por sua vez, constituem

as formas de cuidados com a saúde e de distribuição da responsabilidade e expectativas de desempenho entre indivíduos e instituições.

O automonitoramento na saúde atua mediante conselhos de especialistas e particularmente em peritos no estilo de vida, como Bela Gil, pressupondo-se que o acesso à informação poderá resultar em autorregulação mais efetiva. Não é à toa que muitos seguidores de Bela Gil interagem e concordaram com suas afirmações sobre a relação entre alimentação e saúde, consumindo seus produtos e informações em diferentes mídias:

Vanessa Serra @serravan: “Alimentação é o melhor plano de saúde de qualquer indivíduo. Curto vc demais @belagil muito astral.”

Aline @aline.essencialnutricao: “Verdade. Alimentação é a base de tudo.”

Telma @telmaalario: “Olá @belagil!!! Amo e faço suas receitas...vc poderia dar mais opções de recheio de torta. Parabéns pelo programa!!! Tb sou adepta ao qto mais natural melhor!!! Bjss”

No entanto, há também espaço para a crítica ao aconselhamento da culinária, ainda baseado no contexto da promoção da saúde:

Ivani Alencar @ivanimadi: “@belagil no episódio dessa semana onde você preparou pratos para Ana Carolina que é diabética, me causou um estranhamento o fato de usar o “melado” na preparação da torta de chocolate o diabético não pode ingerir melado de jeito nenhum. Você poderia ter usado por exemplo a metade da quantia de mel que é permitido.”

Por meio desses comentários, observa-se que Bela Gil é tida como autoridade capaz de fazer com que as pessoas mudem seus hábitos segundo o suas recomendações e crenças no que é considerado saudável. No entanto, alguns dos seus seguidores, sentem falta de uma explicação mais academicamente embasada sobre o que se pode ou não ingerir, principalmente quando envolve problemas de saúde. A seguidora Ivani Alencar reclama do fato de a apresentadora não ter informações suficientes sobre uma das convidadas, a cantora Ana Carolina, e “usar melado na preparação da torta de chocolate”, sendo que “o diabético não pode ingerir melado de jeito nenhum”. Esse problema na produção do programa é visto como uma deslegitimação do conhecimento da chef com uma informação pretensamente verdadeira e confiável: “você poderia ter usado por exemplo a metade da quantia de mel que é permitido”. Ainda assim, há uma grande comunidade que confia na chef e a legitimiza como capacitada para o aconselhamento na saúde tendo base em seu conhecimento empírico e aplicação do estilo de vida que segue e recomenda. Esse tipo ascendente de legitimação da perícia empírica é das principais características do aconselhamento na sociedade contemporânea.

A alimentação saudável e a responsabilidade com a família

O fato da apresentadora ter engravidado durante nosso período de observação nos rendeu inúmeras narrativas acerca do julgamento moral da saúde, agora não apenas como virtude do indivíduo como também da qualificação parental, no caso, da mãe, desde seus hábitos na gravidez até a amamentação e cuidados posteriores com a alimentação da criança. Decidimos então prolongar o período de coleta de dados no Instagram até o parto da chef, para que pudéssemos melhor acompanhar sua abordagem pessoal acerca de saúde e maternidade. O tema não apenas progrediu no cenário do estilo de vida como derivou, dois meses depois do fim de nossa coleta, em setembro de 2016, em uma segmentação própria no canal do Youtube da apresentadora, “Canal da Bela”, com subtítulo de “Bela Maternidade”, onde há quadros sobre merendas escolares para a filha mais velha, papinhas de bebê para o recém-nascido e opiniões e experiências da celebridade sobre maternidade e parto humanizado (com disponibilização da filmagem do seu próprio trabalho de parto).

Não queremos afirmar unicamente que identificamos através de nosso objeto de estudo uma nova forma de diferenciação individual, que usa a família como evidência da legitimidade de uma imagem pessoal conscientemente construída. Na realidade, antes da análise prática dos exemplos selecionados, precisamos entender que a instituição da família possui um papel diferente no contexto contemporâneo. Aliás, a ideia atual de família, para nós uma imagem intrínseca de afetividade e cuidado, não possui uma origem tão instintiva, sendo, na realidade, fruto das diversas mudanças sociais ocorridas ao longo da história (ARIÈS, 1981).

Anteriormente, como já vimos, Foucault (1979) afirmara que a família se tornou um dos principais núcleos da medicalização da sociedade a partir do século XVIII. Seu surgimento como uma das instâncias de controle da população e disciplinarização dos corpos, confere à família força potencial baseada na individualidade. A partir do século XVIII, quando doença é colocada como um problema social e individual, não mais atrelando sua maior responsabilidade ao Estado, a não ser em casos epidêmicos (FOUCAULT, 1979) a família moderna torna-se a principal responsável pelo bem-estar das crianças, na medida em que a saúde, ou melhor, a profilaxia de doenças, se torna um valor moral íntimo e, paradoxalmente, sujeito a constante julgamento social. A partir deste momento, em torno da criança há uma série de círculos, como o familiar, o dos técnicos e o dos educadores sociais” (DONZELOT, 2001).

A família tornou-se o berçário da cidadania, com o meio familiar atuando como um exemplo de relações sociais mais amplas. A ordem da casa e dos corpos que habitam o lar, por sua vez, tornaram-se um dever das mulheres e conseqüentemente das mães (PETERSEN E LUPTON, 1996). Na contemporaneidade, há diversos produtos, agentes e instâncias assumem a função de aconselhamento sobre a maternidade buscando garantir que as mães sejam submetidas aos imperativos de promover a saúde dos filhos como dever de uma “boa mãe”. É nesse contexto que Bela Gil, ao preparar a comida de sua filha de um modo que considera saudável, não só busca oferecer o que considera uma boa alimentação, mas também atrela a si a identidade de uma maternidade exemplar. A Imagem 2 ilustra um dos casos relacionados à questão da maternidade da apresentadora, onde houve muito engajamento negativo por parte do público quando a chef postou uma foto da merenda escolar de sua filha, Flor Gil.



IMAGEM 2

Parte dos seguidores alegou que Bela Gil estaria sendo uma mãe restritiva a não permitir que sua filha consumisse “comidas da infância”, como refrigerantes e biscoitos industrializados. Houve inclusive alegação de isso poderia causar exclusão da criança no meio social escolar. Bem, sabemos que figuras públicas estão expostas a diversas críticas rotineiras, porém este caso tomou proporções virais em meados de 2015, o que também atraiu vários seguidores que simpatizavam com o comportamento da chef, além de recolocar em evidência midiática as questões de regulamentação da publicidade em alimentos infantis industrializados e seus estímulos à obesidade infantil. Podemos dizer que a apresentadora certamente tirou o melhor proveito da situação, criando em seu canal do YouTube, um ano depois, um quadro dedicado a receitas de lanches saudáveis para crianças levarem ao colégio, intitulado “Lancheira da Flor”.

Bela Gil fala no vídeo de apresentação como essa repercussão a estimulou a criar esse quadro: “Primeiramente, eu coloco banana da terra e batata doce na lancheira dela, porque ela gosta. Em segundo lugar, eu me importo com a saúde da minha filha e eu não acredito em produtos altamente processados como forma de alimento”, num vídeo publicado em 22 de agosto de 2016.¹

Muitos seguidores de Bela Gil foram positivos ao aconselhamento da chef, concordando com o discurso de que o controle da alimentação dos filhos está moralmente ligado à moral parental:

Thais Kayacan @thaiskayacan: @belagil Posta mais dicas de lancheira pra gente! Mães que se preocupam com a saúde de nossas crianças!

Fernanda Wandembruck @fernandawdb: Quando for mãe quero ser igual a você! Parabéns pela alimentação saudável que você promove para sua filha!!!!

Flávia Lima @flaviaplina14: Que mãe top!!!!!! Tento poupar meu filho de porcarias. E vc vai me inspirar mais! Parabensssssss Palmassss pra vcccc.

Patrícia Tré @patriciatre: Parabéns! Isso é ser saudável! Quem dera minha mãe ter feito isso por mim quando era criança

Marta Loesch @martaloesch: Adoraria ver meus alunos com essa marmita ao invés de tomar um açaí cheio de leite condensado ou refri ou uma coxinha no recreio

Marcia Soares @marciasoares: As mães que estão aqui reclamando devem ser um bando de mães preguiçosas que só botam cheetos e suco de caixinha na merendeira dos filhos!! Aff saiam do instagram e vão preparar uma merenda decente para os seus filhos.

Ceição Coutinho @ceicinhacoutinho: Por isso esse Brasil não vai para frente. Tanta gente ignorante, como pode. Povo sem cultura, sem escrúpulos. Não sabem a comer saudavelmente, enchem as crianças de açúcar e ainda pior criam seus filhos igualmente a vcs. Realmente vai ser difícil esse Brasil sair do buraco com uma população tão idiota. Parabéns Bela continue assim alimentação saudável sempre.

Outros usuários problematizaram a possibilidade de prover uma alimentação para os filhos aos moldes recomendados por Bela Gil, pautando questões alimentares não apenas sob o pretexto da promoção da saúde, mas sob contextos de lazer e de inclusão social:

Mônica Wildhagen @monicanutri: Sou nutricionista, especialista em nutrição clínica e estudei psicologia, sinceramente não achei nada interessante essa merenda. Alimentação saudável deve passar longe de radicalismo, além disso educação alimentar é importante no sentido de fazer escolhas com EQUILÍBRIO. A merenda seria melhor se fosse atrativa, com cor e pode ser muito saudável com alimentos mais atrativos que a batata doce (modinha), poderia ter um suco natural, um sanduichinho, biscoitinho sem recheio, um bolinho, bolinho com farinha

integral, frutinha, etc. Existem muitas opções que vão além dessa merenda sem graça, sem cor e provavelmente sem sabor.

Glau Formaggio @glau_formaggio: Fiquei curioso pelo assunto. Não critico, porém acredito que uma criança em crescimento deveria ter um cardápio mais prazeroso e sem deixar de ser saudável. Não sou a favor de extremos. Nem de cuidados em excesso e pais que não se importam com a alimentação dos pequenos.

Ariane Fiori @arianefiori: Certamente experimenta sim salgadinhos e docinhos de outras crianças! Mesmo porque criança é curiosa! Vai estudar psicologia infantil depois vem discutir comigo! Continuo dizendo tudo em exagero faz mal, inclusive água.

Esta postagem foi das publicações mais repercutidas do seu perfil. Os comentários não ficaram restritos a uma só temática e sua abrangência extrapolou os limites do público seguidor de Bela Gil, viralizando em outras mídias sociais. A discussão acalorou-se. Houve questionamentos sobre a negligência dos pais que não preparam uma merenda pautada na saúde dos filhos, levantando também perguntas a respeito de “o que é ser saudável?”, tanto no que tange ao paladar infantil quanto à dieta dos adultos. É interessante analisar que a sociedade ainda se encontra muito polarizada sobre o tema, incluindo profissionais da área da alimentação e leigos interessados. Os debates claramente extrapolam a questão saudável em si e discursam a respeito de temas como extremismo, educação alimentar, prazer, identidade e moral.

É implícita que a associação entre alimentação para crianças e a publicidade de alimentos ultraprocessados está presente nas falas de alguns seguidores (“alimentação saudável deve passar longe de radicalismo”, “cardápio mais prazeroso”, “cuidados em excesso”). A crítica ao pretensão radicalismo é bastante presente, afirmando ser praticamente inevitável que crianças não experimentem salgadinhos e docinhos. Há, portanto, uma normatização da escolha, por uma dieta mais flexível e sem “exageros” ou “extremos”, como a que Bela Gil estaria impondo à filha. A comida ultraprocessada como “bolinhos”, “salgadinhos”, “refrigerantes” e “biscoitos”, segundo muitos seguidores, faz parte da socialização infantil. Para a maioria, cabe aos pais à responsabilidade de educar os filhos e oferecer-lhes uma alimentação saudável, mais natural. Para outros, não pode fazer radicalismos. Já para a minoria não há como evitar que as crianças como esses alimentos que “fazem parte da infância”. É bom, nesse caso, lembrar que tanto a alimentação considerada mais saudável e a mais prazerosa são construções histórico-culturais. A identificação da infância com um tipo de alimentação é parte de um processo marcado por aspectos discursivos e não discursivos, por relações de saber e poder.

De qualquer maneira, tanto as postagens a favor da lancheira quanto as contra podem ser identificadas como parte de mudanças sociais mais amplas que postulam o indivíduo como responsável pelo gerenciamento de seus próprios corpos na sociedade contemporânea, caracterizada pelas formas do autogoverno (LUPTON, 1997). Essa configuração atual do poder compreende corpos, alimentos, gordura, ambientes, produtores, supermercados, programas de dieta e grupos de perda de peso, juntamente com sentimentos, práticas e desejos em relação ao consumo alimentar. A crescente popularização dos discursos de promoção da saúde torna o entendimento da vida como sendo um conjunto de escolhas individuais.

Dentro deste fenômeno, estamos analisando aqui os discursos acerca da alimentação saudável no Instagram de Bela Gil como parte das imbricações entre estilo de vida e alimentação saudável na formação de identidades na contemporaneidade. Nesse contexto, o papel de “boa mãe” foi construído no perfil de Bela Gil de modo a incluir uma experiência de alimentação saudável. As mães expressaram uma necessidade percebida de serem pessoalmente responsáveis por proteger as crianças contra influências nutricionais negativas. A vigilância das práticas alimentares familiares em conformidade com o aconselhamento nutricional no Instagram da culinária ocorreu por meio de fornecimento de informações, monitoramento em compras e preparação de refeições, restrição e orientação de compras de alimentos e tradução de conhecimentos especializados em práticas alimentares familiares. Embora na página haja diferentes concepções de alimentação saudável, as mães – e não os pais – são vistas como as responsáveis pela saúde dos filhos.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, discutimos a partir de nosso estudo de caso uma faceta da cultura contemporânea que está associada a valores morais referentes à promoção da saúde e do consumo da saúde como questões de estilo de vida, mesmo que o caráter do que é considerado ou não saudável seja variável entre a população, a mídia, os especialistas acadêmicos e as celebridades do estilo de vida. Independente disso, podemos observar uma tendência cultural em enxergar a saúde como medida essencialmente profilática e de principal responsabilidade individual, guiada essencialmente por uma conscientização de riscos futuros e por pressuposto de controle através da prevenção, pelas escolhas consideradas saudáveis, o que garante aos indivíduos uma sensação de segurança.

A busca pela otimização da experiência de vida ativa e a necessidade de um maior aconselhamento como forma de encontrar um guia nas tomadas de decisão estimulam o surgimento de gurus e experts em diversas áreas do conhecimento acadêmico e do cotidiano. Porém, a multiplicidade de meios de informação e uma crescente desconfiança dos interesses políticos do tradicional aconselhamento acadêmico fomentaram a consolidação da confiança no conhecimento baseado na experiência individual como uma forma legitimada de perícia, que também satisfaz a necessidade contemporânea de maximizar as experimentações e sensações da vida.

Nosso estudo possuía como um de seus principais objetivos ilustrar uma face do comportamento nosopolítico na cultura contemporânea, focando no surgimento das celebridades de estilo de vida saudável em plataformas digitais como o Instagram, que permite envolvimento direto do público. Porém, o percorrer de nossa investigação também levantou diversas questões omitidas ou abordadas indiretamente a respeito do que seria um estilo de vida saudável. Na mídia que analisamos, esse conceito é uma forma não apenas profilática, em relação ao controle de futuras doenças, mas essencialmente identitária e elitista, um vez que equaliza os indivíduos em sua responsabilidade individual, ignorando condições sociais e estruturais além do poder de ação de cada um. Observamos também que esse discurso moralista e individualista sobre saúde na cultura, marginaliza a população de comportamento considerado divergente e desviante, como obesos e sedentários, que, para além do campo da saúde, são inferiorizados nas relações sociais.

Essa responsabilização individual possui via transversa quando reitera o comportamento relacionado a uma existência pautada na saúde e no bem estar, acarretando ao indivíduo convergente as qualidades sociais de responsabilidade social, parental e edificação moral. Essa condição justifica a ascendência de celebridades na perícia do estilo de vida saudável, pois o público não quer apenas consumir a informação, mas possuir confirmação empírica da prática do aconselhamento para que possa fazer escolhas baseando-se em sua própria opinião. Essa tendência possui suas necessidades supridas pela sensação de acompanhamento íntimo da vida de seus “instrutores” ou “peritos”, como é o caso de celebridades em estilo de vida como Bela Gil, que expõem diariamente a prática empírica de seus aconselhamentos, criando uma relação intimista e mais agradável ao público que busca a saúde como identificação pessoal.

A totalidade da pesquisa realizada no Instagram da celebridade levantou outras questões além da identificação pessoal e julgamento moral dentro da perícia do estilo de vida saudável, como o poder de mobilização política que

é condicionado a celebridades do estilo de vida, assim como questionamentos mais aprofundados acerca da expertise da apresentadora e sua falta de reconhecimento acadêmico para aconselhamento na área da saúde. Este artigo, porém, possuiu enfoque nas extensões morais e identitárias acarretadas na cultura da saúde e principalmente da alimentação saudável, onde a análise de discurso permitiu a observação de questões sociais e políticas presentes nas entrelinhas do aconselhamento da chef e por consequência no aconselhamento midiático da saúde.

No Instagram de Bela Gil, observamos que o interesse identitário comum é o estilo de vida saudável da chef e sua família. Não é à toa que a construção da autoridade dela passe pela performance do papel de “boa mãe”. A partir de seu perfil, forma-se uma comunidade de interlocutores interessados em abordar o estilo de vida saudável, o cuidado de si, dos filhos e da família, especialmente a partir da alimentação. Para além da atividade da culinária, foi essencial analisar o envolvimento do público seguidor, que dividem o protagonismo desta pesquisa. Podemos dizer que o principal objeto de estudo da perícia do estilo de vida saudável não se encontra essencialmente nos peritos de legitimidade empírica na saúde, mas sim na relação entre esses conselheiros e o público ativo que o concede autoridade ou refuta sua expertise. Avaliando nesse contexto, podemos concluir que a contemporaneidade vive um momento de ressignificação informativa, onde antigos conceitos de legitimidade perdem autoridade para a experiência individual e crenças de cada um. A popularização dos processos de produção, circulação e consumo de informações sobre saúde em redes sociais como o Instagram permite pensar que a celebração da expertise (através da figura do “guru do estilo de vida” ou do “perito em estilo de vida” como atua e é reconhecida Bela Gil) é um marcador da convergência crescente entre uma esfera pública de produção de espetáculo e uma esfera íntima e privada de consumo e vida cotidiana.

Referências

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BAGRICHEVSKY, M.; CASTIEL, L. D.; VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. Sedentário sem-vergonha, saudável responsável? Problematizando a difusão do estilo de vida ativo no campo sanitário. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (orgs.). A saúde em debate na educação física: volume 3. Ilhéus: Editus, 2007.

- BAUMAN, Z. O mal-estar na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BRAGA, A. Microcelebridades: entre meios digitais e massivos. *Contracampo* (UFF), v. 1, p. 39-54, 2010.
- CAMPANELLA, B. Novas práticas, antigos rituais: a organização do cotidiano e as configurações de poder na mídia. *Revista Geminis*, v. 1, p. 8-12, 2014.
- DONZELOT, J. A polícia das famílias. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- CAMARGO JÚNIOR, K. As armadilhas da “concepção positiva de saúde”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 17, p. 63-75, 2007.
- CONRAD, P. The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2007.
- FERREIRA, M.; CASTIEL, L. D.; CARDOSO, M. H. C. A patologização do sedentarismo. *Saúde e sociedade*, vol.21, n.4, 2012.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Historia de la medicalización*. In: _____. *La vida de los hombres infames*. La Plata: Altamira, 1996.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- LEWIS, T. Branding, celebritization and the lifestyle expert. *Cultural Studies*, v. 24, n. 4, p. 580-598, 2010.
- _____. *Smart living: lifestyle media and popular expertise*. Nova York: Peter Lang, 2008.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LUPTON, D. The Digitally Engaged Patient: Self-Monitoring and Self-Care in the Digital Health Era. *Social Theory & Health*, vol.11, n.3, 2013.
- _____. *The imperative of health: public health and the regulated body*. London: Sage, 1997.
- PETERSEN, A.; LUPTON, D. *The new public health*. London: Sage, 1996.
- PRIMO, A. De narcisismo, celebridades, celetoides e subcelebridades: o caso Tessália e sua personagem Twittess. *Comunicação, Mídia e Consumo*, v. 7, p. 159-189, 2010.
- _____. Existem celebridades da e na blogosfera? Reputação e renome em blogs. *Líbero (FACASPER)*, v. 12, p. 107-116, 2009.
- _____. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: _____. (org). *Interações em rede*. Porto Alegre, 2013.
- RAMOS, J. S. Etnografia e digitalização. In: CAMPANELLA, Bruno e BARROS, Carla. *Etnografia e consumo midiático*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2016.
- ROSE, N. *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSE, N.; MILLER, P. Political power beyond the State: problematics of government. *British Journal of Sociology*, vol.43, n.2, p.173-205, 1992.

TURNER, B. The discourse of diet. In: FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike; TURNER, Bryan (eds.). *The body: social process and cultural theory*. London: Sage, 1991.

Correspondência Igor Sacramento, Av. Brasil, 4036, Sala 512, 5º andar, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 21040-361

Contribuição dos autores Sacramento foi responsável pela concepção e orientação do estudo, pela análise e interpretação dos dados e pela redação do artigo. Abreu foi responsável pelo acompanhamento, coleta, segmentação e interpretação dos dados e pela redação do artigo. Ney e Lopes foram responsáveis pela análise e interpretação dos dados e redação do artigo.

Nota

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qIunNah-9Hc>.